

Educação patrimonial e arqueologia: experiências em contextos de extensão universitária

Roseline Mezacasa¹

Agradecimentos: Essa extensão universitária só foi possível com a participação dos estudantes. Assim cabe um agradecimento aos estudantes Fabiola Santana, Hinglidy Nayara Marques Souza, KhayoDjemes Binás de Purificação, CrisllainyThainaBini, Aline Morandi Gonçalves, Ana Caroline Morandi Gonçalves, Fábio Alves Jorge, Jessica Raiane M. Laia, Kamonni de São Paulo, JaninyKélviaPisolerHell, Kelvis Pereira de São Paulo e Leandro Sérgio Almeida.

RESUMO

Pretende-se, no presente artigo, apresentar algumas trajetórias de experiências em Educação Patrimonial e Arqueologia no âmbito da extensão universitária. As experiências aqui descritas foram desenvolvidas no município de Rolim de Moura, na Universidade Federal de Rondônia, bem como em duas escolas rurais do município. As ações empenharam-se em criar espaços de diálogos para pensar a educação patrimonial e a arqueologia na região. O que justificou a ação extensionista foi a quantidade significativa de achados arqueológicos na região, dessa forma, existe muita “conversa sobre o assunto”, o que demandou espaços de diálogo entre saberes acadêmicos e os saberes dos moradores da região, em uma proposta dialógica para pensar o assunto. A fundamentação teórica para a realização da ação pautou-se em trabalhos de arqueólogos e antropólogos que desenvolveram pesquisas na região, como também, em pesquisas desenvolvidas no âmbito da memória e do patrimônio.

Palavras-chave: Educação Patrimonial; Arqueologia; Rondônia.

Archeology and heritage education: experiences in university extension contexts

ABSTRACT

We intend to introduce some trajectories of experiences in Archeology and Heritage Education within the university extension, in this article. The experiences described here were developed in the city of Rolim de Moura, in the Federal University of Rondônia, as also in two rural schools of the county. The actions exert themselves in creating dialogues space to think the archeology and heritage education in the region. The extension action was justified for significant amount of archeological findings in the region, this way there is “a lot of talk about it”, which required spaces for dialogue between the academic knowledge and knowledge of the local residents of the region, in a dialogic proposal to think the subject. The theoretical foundation for the realization of the action was guided on archaeologists’ and anthropologists’ works that have developed researches in the region, as also in researches developed within the memory and heritage.

Keywords: Heritage Education; Archeology; Rondônia.

¹ Mestre em História, Docente do Departamento de História, Universidade Federal de Rondônia – UNIR-Campus de Rolim de Moura. E-mail: roselinemezacasa@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como propósito discorrer sobre algumas experiências no campo da extensão universitária, decorrentes da execução do projeto de extensão *Educação Patrimonial e Arqueologia*, realizado a partir do Departamento de História, Campus de Rolim de Moura, da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. O projeto foi desenvolvido no município de Rolim de Moura, com a participação de acadêmicos do curso de licenciatura em História, professores da rede municipal, como também alunos do ensino fundamental de duas escolas rurais do município.

A região amazônica foi palco de uma intensa ocupação humana, conforme têm demonstrado as pesquisas arqueológicas desenvolvidas nas últimas décadas (MILLER, 1983; NEVES, 2006; PEREIRA, 2010; CRUZ, 2008; ZIMPEL NETO, 2009). Nas pesquisas arqueológicas realizadas em função da construção da Linha de Transmissão de Energia que ligará Porto Velho (RO) à Araraquara (SP), 107 sítios arqueológicos foram encontrados no estado de Rondônia (SCIENTIA²). Nesse contexto, durante os trabalhos de arqueologia preventiva, vinculados a construção das Linhas de Transmissão de Energia, oito sítios arqueológicos foram encontrados no município de Rolim de Moura (SCIENTIA³). O arqueólogo Danilo Curado, que atuou no IPHAN – RO, destacou que “as pesquisas colaboram também com a crescente importância de Rondônia dentro do cenário arqueológico nacional” (IPHAN, 21/12/2012⁴). Assim, abordar a temática da arqueologia e da educação patrimonial funda-se em uma realidade arqueológica muito presente no estado de Rondônia.

Na década de 1970/80, o estado de Rondônia foi palco de um intenso processo de ocupação por não indígenas. Os programas de distribuição de terras, promovidos pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, motivaram a vinda de migrantes de diferentes locais do Brasil. Hoje, decorridos alguns anos do programa de colonização, a configuração do território rondoniense desdobra-se em uma intensa ocupação territorial de pequenos e médios proprietários rurais. As terras da região transformaram-se, e o que antes estava coberto por uma vegetação amazônica, agora é propriedade privada, muitas vezes coberta com pasto e plantações. As áreas de vegetação nativa, em muito, encontram-se dentro das terras indígenas, como também, nas áreas de reservas extrativistas, floresta nacional, parques estaduais e federais.

Nesse processo de ocupação das terras rondonienses, muitos registros arqueológicos foram e ainda são encontrados pelos moradores das zonas rurais da região. No estado de Rondônia é corriqueiro ouvir histórias de moradores que encontram materiais arqueológicos. Esses registros muitas vezes são encontrados quando os agricultores vão preparar a terra para o plantio, ou mesmo em andanças pelo pasto, igarapés, cachoeiras, etc.

Nesse contexto, descortina-se no estado de Rondônia um conjunto de registros arqueológicos, de valor significativo para o patrimônio histórico e cultural do Brasil. Entretanto, também é notória a distância entre os conhecimentos produzidos no campo da arqueologia, enquanto disciplina acadêmica, e os pressupostos legitimados pelo IPHAN, no que toca a preservação do patrimônio histórico e cultural do Brasil, frente os moradores da região. Uma participante das ações de extensão, retomando suas memórias da infância e de encontros com registros arqueológicos, assim relatou:

² Fonte: Projeto de arqueologia preventiva associada às LTS em 600 kv Porto Velho/ RO – Araraquara/SP: Educação Patrimonial – SCIENTIA Consultoria.

³ Fonte: Projeto de arqueologia preventiva associada às LTS em 600 kv Porto Velho/ RO – Araraquara/SP: Educação Patrimonial – SCIENTIA Consultoria.

⁴ In:<<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalleConteudo.do?id=17113&sigla=Noticia&retorno=detalle-Noticia>>.

Me lembro quando meus pais mudaram para uma casa, eu tinha uns cinco anos, me lembro que estávamos cavando uma fossa séptica e encontramos uma bola de barro vermelho, talvez tenha sido uma tigela de barro, mas ninguém possuía conhecimento o que acabou que o objeto foi destruído.

Os pesquisadores Maria Coimbra e José Garcia, que tem dedicado pesquisas acerca da arqueologia rondoniense, chamam a atenção para a necessidade de iniciativas de proteção dos registros arqueológicos. Segundo os pesquisadores:

Não apenas a região centro-leste, mas todo o Estado de Rondônia possui um imenso patrimônio arqueológico, de valor cultural incalculável, que, relegado ao abandono, à mercê de vândalos e da própria intempérie da natureza, está fadado ao desaparecimento, a exemplo de muitos sítios arqueológicos em todo o Brasil, se não forem tomadas, urgentemente, medidas que busquem sua proteção e conservação (COIMBRA & GARCIA, 2012, p.56).

Nessa conjuntura local, foi pensado e desenvolvido o projeto de extensão *Educação Patrimonial e Arqueologia*, enquanto um instrumento de diálogo com a população local, na busca pelo estabelecimento de um debate social sobre educação patrimonial e arqueologia, para construir percepções e iniciativas junto à população, acerca da proteção/preservação do patrimônio arqueológico do estado de Rondônia. Como bem expressou a museóloga Waldisa Rússio, “(...) a preservação do patrimônio cultural é um ato e um fato político e temos de assumi-lo como tal, mesmo nas nossas áreas específicas de atuação profissional” (RÚSSIO apud CARNEIRO, 2009, p. 72).

Outra questão relevante que envolveu a iniciativa de executar o projeto de extensão é a de que este foi uma demanda da sociedade para com a Universidade Federal de Rondônia. Durante o evento *I Seminário de Arqueologia de Rolim de Moura*⁵ houve uma cobrança social acerca do papel da Universidade e, da necessidade da instituição desenvolver projetos na área de Educação Patrimonial e Arqueologia, tendo em vista a carência de debates locais sobre a temática. Assim, a arqueologia torna-se uma questão histórica/cultural/social no âmbito da Amazônia, tendo em vista a quantidade de patrimônios arqueológicos encontrados que precisam ser compreendidos pelos sujeitos envolvidos.

A articulação entre o ensino/pesquisa, tendo em vista um conjunto de disciplinas que compõem a grade curricular do curso de licenciatura em História, tais como Pré-História do Brasil, Pesquisa em História, História da Amazônia, Antropologia e História de Rondônia, fundamentou toda a ação de extensão. O conjunto das propostas do projeto foi construído junto aos participantes, que tiveram papel fundamental, distanciando-se assim de projetos que colocam os participantes apenas enquanto receptores das atividades.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ARQUEOLOGIA: QUE CAMINHO É ESSE?

O projeto de extensão *Educação Patrimonial e Arqueologia* foi pensado para ser executado em duas etapas. No primeiro momento do projeto, foram desenvolvidas ações

⁵ Cabe um agradecimento a Joaquim Cunha e Carlos Neves, dois apaixonados pela arqueologia. Cidadãos preocupados com a preservação dos sítios arqueológicos da região.

juntamente aos acadêmicos do curso de licenciatura em História e professores da rede de ensino. O curso *Educação Patrimonial e arqueologia: Que caminho é esse?* contou com aulas teóricas e práticas ao longo de cinco encontros que ocorreram no Campus da Universidade Federal de Rondônia, Rolim de Moura, com a presença de trinta e cinco participantes.

No primeiro encontro, mediante a curiosidade dos motivos que trouxeram tais sujeitos ao curso, duas perguntas foram orientadas para os participantes, uma versava sobre os motivos que OS trouxeram a participar do curso, e a outra, buscou compreender se os participantes já possuíam alguma relação com os registros arqueológicos. As respostas foram indicativas para mapear os múltiplos motivos/interesses dos sujeitos envolvidos na ação de extensão, e também, auxiliar nas ações do curso, pautando-se também nos conhecimentos dos participantes.

Quatro respostas foram selecionadas para compor o presente texto, sendo que cada uma destaca questões relevantes para pensar a prática da educação patrimonial e arqueologia, como também, mensurar a extensão universitária enquanto um momento de aprofundar questões, que envolvem o fazer docente e experiências formativas: Segue, algumas das respostas:

O que me trouxe ao curso foi resgatar as minhas raízes, dos meus antepassados que estão presentes em Rondônia, e também a quebra deste preconceito que muito persegue as origens do meu passado [...] já encontrei muitos vestígios arqueológicos na região do Vale do Guaporé, nas regiões de extrativismo de seringa. [...] utilizavam os restos de cerâmica como bacia ou produto de consumo.

O que me trouxe para o curso de extensão é compreender a importância desses estudos na nossa região [...] mostrar que ao contrário do que muitos dizem em Rondônia há sim muitas peças históricas importantes, e muitos sítios arqueológicos, porém nós enquanto acadêmicos e a população da nossa cidade e região não compreendemos totalmente a importância desses objetos.

Estou certa que este curso vai transformar a maneira de ver o patrimônio e conhecer a arqueologia. De fato como leiga não poderia ter certos conhecimentos sobre o assunto sem auxílio. [...] Então, com o conhecimento necessário sobre o assunto, podemos levar a educação para fora dos muros da escola.

Muitos participantes perceberam a importância do professor no processo da educação patrimonial, o que recai no aprofundamento do conhecimento sobre o assunto, para se construir um processo de formação à docência pautado em temáticas transversais, que constantemente estão aparecendo nas aulas de história.

Os assuntos abordados no curso estavam em volta de discussões sobre conceitos teóricos que embasam a Educação Patrimonial, a memória, o campo da arqueologia e suas discussões acadêmicas, arqueologia rondoniense, o papel do IPHAN – Rondônia,

nas práticas de preservação patrimonial. Pesquisadores que trabalham com essas temáticas foram convidados para ministrar aulas durante o curso.



Figura 1. Curso Educação Patrimonial e arqueologia: Que caminho é esse?. Fonte: Autora, 2014.

Dentre tantas parcerias realizadas para efetivar o projeto de extensão, a empresa de Arqueologia *Scientia*, também foi convidada a participar do curso de formação. Uma equipe da empresa estava trabalhando na região e se colocou à disposição para realizar diálogos com os estudantes no campo da educação patrimonial, voltada para os registros arqueológicos. A troca de experiências com a equipe da *Scientia* proporcionou diálogos sobre metodologias didáticas para trabalhar a temática em sala de aula, utilizando-se de inúmeros recursos como literatura, teatro, música, audiovisual.

No decorrer dos encontros os participantes construíram uma “camiseta didática” com a temática da arqueologia em Rondônia. O objetivo da camiseta foi justamente tornar o assunto da arqueologia mais próximo do cotidiano dos moradores da região, utilizando-se para tanto, uma “camiseta didática”. A ideia que transpassou a produção da camiseta foi instigar a comunidade em geral sobre a arqueologia de Rondônia.



Figura 2. Camiseta Didática. Fonte: Autora, 2014.

A iniciativa deu muito certo, pois, em conversas com os cursistas, contaram que sempre que usam a camiseta são questionados sobre o assunto, em um tom de curiosidade. Assim, é possível perceber um conjunto de ferramentas didáticas que podem ser utilizadas no campo da educação patrimonial e arqueologia.

Para terminar o percurso formativo com os estudantes de graduação foi realizado uma visita ao sítio arqueológico do Tenente, localizado na Zona Rural do município de Rolim de Moura. O sítio arqueológico, registrado no cadastro do IPHAN, é formado por uma vasta área de terra preta de índio e/ou terra preta arqueológica, oficinas líticas, cacos de cerâmica, machados de pedras, como podemos ver nas fotos que seguem:



Figura 3. Visita ao Sítio Arqueológico do Tenente. Fonte: Autora, 2014.

No conjunto de todas as expectativas e planejamentos realizados para a primeira etapa da ação de extensão, conferiu-se um resultado positivo. Ao término da ação foi utilizada uma folha de reflexões, onde os participantes responderam as seguintes questões: 1) Descreva os aprendizados construídos ao longo do curso de formação em Educação Patrimonial e Arqueologia; 2) O curso contribuiu para sua formação acadêmica? (Explique). Essa metodologia avaliativa foi utilizada conjuntamente com uma avaliação oral feita pelos participantes no último encontro. Algumas respostas ajudam nossa compreensão da importância de ações de extensão, enquanto um momento de aprofundar temáticas, o que muitas vezes não é possível no decorrer da grade curricular formal:

O curso contribuiu imensamente para minha formação acadêmica, todos os conhecimentos apreendidos e as experiências proporcionadas provavelmente serão reproduzidas aos meus educandos no futuro.

Devido as experiências e materiais obtidos durante o curso, obtive um olhar mais amplo sobre os temas e com certeza irei dar continuidade para que muitos outros possam ter acesso a este magnífico mundo.

Deve-se destacar que em muitas respostas, como nas duas citadas, a palavra experiência aparece. Encontra-se contemplada a assertiva que em muito fundamenta a extensão universitária, enquanto um momento de propiciar aos estudantes EXPERIÊNCIAS, para além da sala de aula. Experiências de conhecer, como no caso, um sítio arqueológico, experiência de sentir/emocionar-se com os ensinamentos no campo do patrimônio e da memória.

“DES-COBRINDO” OS PRIMEIROS HABITANTES DA REGIÃO: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ARQUEOLOGIA

No segundo momento do projeto, nomeado de “*Des-cobrindo*” os primeiros habitantes da região: *Educação Patrimonial e Arqueologia*, a proposta foi desenvolver um percurso formativo com estudantes de duas escolas rurais do município de Rolim de Moura. A ideia de levar o projeto para as escolas rurais fundou-se na percepção de que em muito são os moradores da zona rural que encontram o material arqueológico. Trabalhar com os estudantes das escolas rurais foi então uma estratégia de aproximar-se das histórias e das percepções que esses sujeitos tinham/tem sobre o patrimônio arqueológico.

A execução do projeto contou com a parceria da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC-Rolim de Moura), que desde o momento da apresentação da proposta, demonstrou-se disposta a somar esforços para a efetivação da ação de extensão. O passo seguinte foi adentrar os espaços das duas escolas rurais. Nesse momento, foi de grande importância a recepção calorosa das duas escolas. Em conversa com uma coordenadora, essa relatou sobre o seu contentamento em receber um projeto desenvolvido pela universidade e destacou a importância do empenho desta instituição em estreitar os laços com os espaços escolares das zonas rurais.

Foi pensado junto aos docentes e coordenadores, um cronograma de atividades. Ficaram definidos encontros quinzenais em dias alternados, para não prejudicar nenhum professor. Compreendendo a importância do projeto de extensão, as escolas cederam para as ações do projeto, todas as aulas da manhã. Percebeu-se uma disposição da coordenação em propiciar tempo necessário para um trabalho de qualidade e efetivo, o que no decorrer do projeto trouxe resultados positivos. Alguns professores trabalharam conteúdos de suas disciplinas a partir das temáticas desenvolvidas durante os encontros. O professor Adilson Andrade não poupou esforços na construção do projeto na escola, participando das ações.

A preocupação que pautava as ações era propiciar, no ambiente escolar, um espaço de diálogos sobre arqueologia, preservação dos registros arqueológicos e despertar uma sensibilização sobre a histórica ocupação indígena na região, que se deu, em muito, anterior a ocupação da década de 1970/80. Todas essas temáticas convergindo para o grande objetivo, que orientou todas nossas ações, o da valorização do patrimônio arqueológico da região.

A metodologia utilizada dialogou com as linhas teóricas/práticas das cartilhas e produções realizadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural Nacional (GRUMBERG, 2007). Outras orientações metodológicas também foram utilizadas, com base nos trabalhos publicados pelo Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo, instituição renomada no campo da pesquisa em arqueologia e na educação arqueológica.

No Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial, elaborado pela pesquisadora Evelina Grumberg, publicado pelo IPHAN, a autora propõe quatro etapas no que tange a metodologia para trabalhar com Educação Patrimonial, são elas: *Observação*, *Registro*, *Exploração*, *Apropriação*. Detalhadamente, descortina-se o seguinte caminho metodológico/educacional propostos pela autora:

Observação: Nesta etapa, usamos exercícios de percepção sensorial (visão, tato, olfato, paladar e audição) [...] de forma que se explore, ao máximo, o bem cultural ou tema observado. *Registro:* Com desenhos, descrições verbais ou escritas, gráficos, fotografias, maquetes, mapas, busca-se fixar o conhecimento percebido, aprofundando a observação e o pensamento lógico e intuitivo. *Exploração:* Análise do bem cultural [...] desenvolvendo as capacidades de análise e espírito crítico, interpretando as evidências e os significados. *Apropriação:* Recriação do bem cultural, através de releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão [...] provocando [...] uma atuação criativa e valorizando assim o bem trabalhado (GRUMBERG, 2007, p.06 – destaque da autora).

Os referidos princípios nortearam as ações de extensão, nas duas escolas rurais do município de Rolim de Moura: Escola Municipal Francisca Duran e Escola Municipal José Veríssimo, que envolveu duas turmas de 6º ano (uma em cada escola), tendo ao total atingido por volta de noventa jovens das linhas rurais do município.

Todas as atividades da segunda etapa foram elaboradas e desenvolvidas pelos participantes da primeira etapa do projeto. Esse momento foi fundamental, tendo em vista que os universitários, participantes da ação de hoje, serão os professores de amanhã. Assim, coaduna-se com a reflexão de Silva & Vasconcelos, sobre o papel da extensão universitária na formação dos futuros profissionais:

[...] a formação do aluno vai além da aquisição de conhecimentos técnico-científicos, até porque esses se esvaziam quando não integrados à realidade. Para uma abordagem inovadora, a aprendizagem deve ir além da aplicação imediata, impulsionando o sujeito a criar e responder a desafios, a ser capaz de gerar tecnologias e de manter a habilidade de aprender e recriar permanentemente; ou seja, a graduação deve se transformar no locus de construção/produção do conhecimento, em que o aluno atue como sujeito da aprendizagem [...] (SILVA & VASCONCELOS, 2006, p.121)

Com tal proposta metodológica descortinou-se, aos participantes, a oportunidade de colocar em prática ideias e propostas pedagógicas no campo da educação patrimonial e arqueologia.

A proposta sempre foi pensar os encontros com os estudantes a partir de uma perspectiva de novas metodologias de ensino, para tanto, utilizou-se: cinema, imagens, atividades sensoriais (caixinha de surpresas), pinturas, confecção de potes de barro, etc. A ideia foi distanciar-se das propostas tão presentes no cotidiano dos espaços de ensino, onde professor fala e aluno ouve. Assim, buscou-se construir relações dialógicas com os estudantes, pois ouvi-los era fundamental para a efetivação da ação. Eram os estudantes sujeitos protagonistas.

Os universitários, participantes da segunda etapa, se esforçaram para pensar metodologias, que envolvessem a memória, como também a sensibilidade de cada aluno, pois, era necessário adentrar os universos dos sujeitos participantes, para além da exposição de temas programados. Com esses desafios postos, muita proposta boa surgiu.

No primeiro encontro foi abordado, de forma participativa, uma contextualização da ocupação da região. A fundamentação teórica para a atividade pautou-se nos trabalhos de arqueólogos (CRUZ, 2008; ZIMPEL NETO, 2009) e antropólogos (VELDEN, 2010; MALDI, 1991) que realizam/realizaram pesquisas no estado de Rondônia. Nesse momento, destacava-se com os estudantes sobre quais memórias poderiam ser pensadas a partir das “pedras polidas” e “cacos de cerâmica”? Quem poderia ter construído tais objetos? Assim, foi encaminhada uma discussão sobre a ocupação secular da região por povos indígenas, problematizando-a com a ocupação recente (1970/80) não indígena, fruto dos programas do governo federal. Dessa forma, procurou-se despertar nos estudantes a compreensão de uma longa história que já estava sendo vivida há muitos séculos pelos povos indígenas e que a propaganda governamental “uma terra sem homens, para homens tem terra” estava cheia de problemas.

Feita a contextualização da existência de significativa(s) História(s) Indígena(s) em nossa região, foi iniciado o trabalho com as diferentes facetas da ideia de patrimônio. O início contou com questões bem pontuais, tais como a ideia de patrimônio público, patrimônio da escola, aos poucos foi-se aprofundando a ideia de patrimônio, até chegar ao patrimônio arqueológico.

Como não poderia ausentar-se da discussão a questão da memória perpassou todos os encontros realizados. Inicialmente se trabalhou com a memória dos participantes, e como objetos materiais, acionam as memórias dos indivíduos, e assim, fomos construindo a ideia da memória dos objetos, que também, fundam-se as memórias dos sujeitos. Como bem destacou o arqueólogo alemão Joachim Herrman “[...] não há sociedade ou homem sem consciência histórica. A humanidade não pode compreender-se, nem delinear seu futuro, sem apreciar e acolher seu passado” (HERRMAN *apud* FUNARI, 2003, p.99).

Os encontros seguintes trataram de abordar os diferentes registros arqueológicos, sempre pensados a partir dos sítios arqueológicos encontrados na região. Trabalhou-se com pinturas rupestres, cerâmica, terra preta arqueológica e materiais líticos. O pano de fundo dos encontros pautava-se no despertar dos participantes para não retirar peças dos locais, destacando a importância do contexto arqueológico para os pesquisadores. O papel do IPHAN, sobre a preservação/proteção dos espaços com registro arqueológicos, foi problematizado.

Nesse ponto, foi perceptível o distanciamento entre o órgão de gestão do patrimônio histórico e cultural do estado brasileiro e os moradores da região. Situação que em muito dificulta as ações de preservação/proteção do patrimônio arqueológico, pois um conjunto de “falsas” informações impera no imaginário dos moradores sobre o IPHAN. Entre os mais ouvidos, está a situação de perda da terra, caso seja constatado a existência de sítio arqueológico, assim, como uma precaução, de uma possível perda de terra, alguns proprietários destroem os sítios e/ou não comunicam os órgãos competentes da existência de registro arqueológico.

As boas ideias surgidas no processo criativo, construído pelos futuros professores, na sua experiência de pensar ações didáticas para trabalhar com educação patrimonial e arqueologia, geraram um espaço de aprendizado significativo. Para pensar o contexto arqueológico, os futuros professores, estudantes do curso de história construíram quebra-cabeças com imagens de peças arqueológicas presentes no acervo do Museu Regional de Arqueologia de Rondônia, localizado no município de Presidente Médici – RO. As peças escolhidas eram potes de cerâmica, material lítico, urnas funerárias. Ao entregar para o grupo o quebra-cabeças, uma peça importante era retirada, sem que os participantes percebessem. Ao término da montagem, os integrantes do grupo ficavam surpreendidos com a ausência de um importante pedaço para a montagem da imagem. Nesse momento o monitor retomava, no interior do grupo, a ideia do contexto arqueológico. Destacando que os objetos retirados podem ser importantes para futuras pesquisas.

Além de montar o quebra-cabeças os pesquisadores (integrantes do grupo) precisavam responder algumas questões que ligavam-se a uma análise da peça (imagem). Qual o material utilizado? Possuía algum desenho? Quem poderia ter produzido? Qual era a sua função no grupo que produziu? Após todas as etapas de observação e registros os estudantes apresentavam aos colegas a pesquisa realizada. Segue, algumas imagens da atividade:



Figura 4. Quebra cabeça com imagem de uma urna funerária. Fonte: Autora, 2014.

Os alunos, também, tiveram a experiência de trabalhar com montagem de contextos, a partir de distintos objetos que juntos formavam contextos que explicavam os modos de vida do povo que teria utilizado/produzido os objetos. Com essa atividade foi possível abordar o trabalho dos arqueólogos na interpretação dos objetos encontrados, com toda a complexidade que essa pesquisa requer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adentrar os territórios das escolas rurais, com uma temática, que em muito está presente no cotidiano dos moradores da zona rural, foi um momento de criação de um espaço dialógico entre saberes/olhares acadêmicos e saberes/olhares construídos pelos sujeitos que também vivenciam a experiência arqueológica, por outros ângulos, atribuindo assim sentido a extensão universitária.

O projeto de extensão *Educação Patrimonial e Arqueologia*, ação que contou com a confiança de um conjunto de sujeitos sociais/históricos que estão para além dos muros da universidade, conseguiu alcançar os objetivos que motivaram a sua realização. Tornou temática, nas duas escolas rurais, a arqueologia e os conceitos da educação patrimonial, em uma proposta pautada nos conhecimentos produzidos nos espaços acadêmicos em diálogo com estudantes locais.

Uma consideração que deve-se fazer recai sobre os benefícios das ações de extensão, para além das temáticas que envolvem a arqueologia e a educação patrimonial, mas também a construção de uma imagem de universidade de qualidade, pautada na responsabilidade das suas ações junto à comunidade, entre jovens que nunca tinham ouvido falar da Universidade Federal de Rondônia. Nesse contexto, puderam conhecê-la a partir das ações e das conversas que foram estabelecidas no decorrer dos encontros.

Todas essas experiências coadunam para o acreditar na extensão universitária, enquanto um espaço de troca de experiências, de envolver-se com as distintas realidades que compõem o município e também a região. Nesse contexto, sem dúvida os estudantes de graduação envolvidos com a experiência extensionista construíram momentos significativos para suas futuras ações enquanto professores.

Em suma, o presente artigo procurou mostrar as trajetórias do projeto de extensão *Educação Patrimonial e Arqueologia*. Iniciativa que envolveu cerca de 100 pessoas, entre estudantes de graduação, professores e estudantes das escolas rurais, dispostas a dialogar sobre arqueologia e educação patrimonial. O texto procurou apresentar os caminhos percorridos na ação de extensão para somar aos esforços de tornar assunto a preservação de sítios arqueológicos no estado de Rondônia, e assim também efetivar o papel da Universidade pública, de ensino, pesquisa e extensão com qualidade e preocupada com os desafios que encontram-se para além de seus muros.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Carla Gibertoni. **Ações educativas no contexto da arqueologia preventiva: Uma proposta para a Amazônia.** São Paulo: USP, 2009. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia.

CRUZ, Daniel Gabriel da. **Lar, doce lar?** Arqueologia Tupi na bacia do Ji-Paraná (RO). São Paulo: USP, 2008. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia.

FUNARI, Pedro Paulo. Arqueologia. São Paulo: Contexto, 2003.

GARCIA, Maria Coimbra; GARCIA, José da Silva. Pedras que guardam segredos: catalogação de sítios arqueológicos na região centro-leste de Rondônia. In: Revista Veredas Amazônicas. 2012.

GRUMBERG, Evelina. **Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

MALDI, Denise. O Complexo Cultural do Marico: Sociedades Indígenas dos Rios Branco, Colorado e Mequens, Afluentes do Médio Guaporé. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Série Antropologia, v. 7 (2). Belém: 1991

MILLER, Eurico Theofilo. **História da Cultura Indígena do Alto Médio-Guaporé (Rondônia e Mato Grosso)**. Porto Alegre: PUC, 1983. Dissertação (Mestrado em História).

NEVES, Eduardo Góes. **Arqueologia da Amazônia**. São Paulo: Jorge Zahar Ed., 2006.

PEREIRA, Edithe. Arte rupestre e cultura material na Amazônia brasileira. Repositório Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010.
Disponível em: <<http://repositorio.museu-goeldi.br/jspui/handle/123456789/526>> Acesso em: 20 jun. 2013.

SILVA, Maria do Socorro; VASCONCELOS, Simão Dias. Extensão universitária e formação profissional: avaliação das experiências das Ciências Biológicas na Universidade Federal de Pernambuco. **Estudos em Avaliação Educacional**. v. 17, n. 33, 2006.

VELDEN, Felipe Ferreira Vander. Os Tupi em Rondônia: diversidade, estado do conhecimento e propostas de investigação. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**. v.2, n.1. Brasília: UNB/LALI, 2010.

ZILPEL NETO, Carlos Augusto. Na direção das periferias extremas da Amazônia: arqueologia na bacia do rio Jiparaná, Rondônia. São Paulo: USP, 2009. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

MEZACASA, Roseline. Educação patrimonial e arqueologia: experiências em contextos de extensão universitária. **Extramuros**, Petrolina -PE, v. 5, n. 1, p. 40-52, 2017. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 22 jun. 2016

Aceito em: 27 nov. 2017